

Expletivos do Português Europeu em foco: a evidência dos dados dialectais

Ernestina Carrilho

Universidade de Lisboa

1. Introdução

O Português Europeu (daqui em diante, PE) admite, em contextos restritos, a presença de *ele* como elemento expletivo:

- (1) Afinal o que importa não é ser novo e galante // – ele há tanta maneira de compor uma estante! (Mário Cesariny 1945-6, 1991: 14)
- (2) O certo é que a cidade estava cosmopolita, quase a pedir meças a Paris, nisto de andar na rua pessoal de todas as cores – ele eram pretos, quer mulatos quer retintos, ele eram chineses, japoneses e outros asiáticos, trajados a preceito e até aqueles budistas vestidos de laranja, com a cabeça rapada. (António Alçada Baptista 1994: 93)

Este expletivo, limitado na variedade padrão a usos enfáticos como os de (1) e (2), tem sido tradicionalmente aproximado dos sujeitos expletivos obrigatórios de línguas de sujeito não-nulo como o Francês ou o Inglês (cfr. também Leite de Vasconcellos 1901, Moreira 1913, Epifânio Dias 1918, Duarte e Matos 1984, Raposo 1992 ou Peres e Mória 1995):

Na linguagem popular ou popularizante de Portugal aparece por vezes um pronome *ele* expletivo, que funciona como sujeito gramatical de um verbo impessoal, à semelhança do francês *il* (*il y a*). (Cunha e Cintra 1984: 284)

Efectivamente, em construções como as de (1) e (2), *ele* manifesta propriedades que caracterizam os expletivos das línguas naturais (cfr. Postal e Pullum 1988): (i) natureza não-referencial (não dispõe de referência intrínseca nem a adquire contextualmente); (ii) vacuidade semântica (não recebe papel temático); (iii) identidade morfológica com uma forma pronominal ou adverbial (é homófono do pronome pessoal nominativo de 3ª pessoa do masculino singular). Exibe portanto características dos sujeitos de construções expletivas típicas de línguas como o Inglês e o Francês (cfr. (3) e (4), respectivamente).

- (3) a. It rains a lot in Britain.
- b. There are some books on the table.

- (4) a. Il pleut beaucoup en Angleterre.
 b. Ce sont les livres dont j'ai besoin.

Esta analogia exige, contudo, alguma ponderação. Numa língua de sujeito nulo como o PE, a opcionalidade do expletivo contrasta claramente com o seu carácter obrigatório em Inglês ou em Francês. Análises como as de Uriagereka 1992, Martins 1993 ou Raposo 1995, que relacionam o expletivo visível em PE com uma posição periférica a IP, permitem distinguir sintacticamente entre este elemento e os expletivos obrigatórios das línguas de sujeito não-nulo. Estes são tipicamente analisados como elementos de [Spec, IP], onde satisfazem um requisito gramatical de realização do sujeito (o Princípio de Projecção Alargado ou EPP, de “Extended Projection Principle”) – que, numa língua como o PE, pode ser satisfeito por um sujeito nulo.

Neste trabalho, será reavaliado o estatuto do expletivo visível em PE, com base em evidência empírica de variedades não-padrão¹. Os dados aqui considerados são, em parte, recolhidos no Corpus Dialectal com Anotação Sintáctica (CORDIAL-SIN)², constituído por excertos de fala espontânea ou semi-dirigida, transcritos ortograficamente a partir de gravações de inquéritos dialectais realizados pelo Grupo de Dialectologia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, para Atlas Linguísticos (*Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza e Atlas Linguístico do Litoral Português*) ou para outros trabalhos de investigação dialectal (Segura da Cruz 1987). São também apresentados exemplos de construções expletivas registados em estudos monográficos (na maioria, teses de licenciatura apresentadas à Faculdade de Letras de Lisboa) e em *A Planície Heróica*, um romance regionalista de Manuel Ribeiro, que reproduz algumas das características do Português falado no Alentejo (cfr. Verdelho 1982)³. Assim, os dados aqui apresentados têm normalmente origem em variedades do PE de natureza popular, provenientes de diferentes pontos geográficos do território português continental e insular. Pontualmente, nos exemplos sem referência, recorro às minhas intuições sobre a variedade de PE falada em Portalegre, que é o meu dialecto materno.

A evidência fornecida por este tipo de dados, essenciais para a avaliação das hipóteses que a teoria linguística formula, não pode ser negligenciada pelo debate teórico acerca da natureza e função dos expletivos nas línguas naturais – um debate

¹ O uso de *ele* expletivo tem sido associado sobretudo a variedades populares (cfr. citação *supra* de Cunha e Cintra 1984). Contudo, os exemplos mencionados envolvem normalmente construções com sujeito expletivo do tipo das de (1) e (2), admitidas na variedade padrão desde que em contextos enfáticos. Como os dados que aqui vão ser considerados revelam, o expletivo encontra-se efectivamente muito mais difundido em variedades não-padrão, mas num leque de contextos muito mais diversificados.

² Projectos PRAXIS XXI P/PLP/113046/1998 e POCTI/1999/PLP/33275, financiados pela FCT, em desenvolvimento no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

³ Neste caso, as construções expletivas ocorrem quase sempre em falas de personagens populares alentejanas.

que tem sido especialmente intenso no quadro da Teoria de Princípios e Parâmetros, em especial no modelo minimalista (Chomsky 1995) (cfr., entre outros, Cardinaletti 1990, Lasnik 1992, 1995, Vikner 1995, Dikken 1995, Holmberg 2000a e 2000b, Svenonius (a publicar)).

2. *Ele*: quase-argumento e expletivo puro

Muitos dos contextos que envolvem *ele* não-referencial não são construções expletivas “puras”, se atendermos à distinção, já clássica na gramática generativa, entre dois tipos de expletivos. Tanto quanto sei, esta distinção remonta a Chomsky 1981, formulada então em termos de “categorias quase-argumentais” vs. “categorias não-argumentais”. As categorias quase-argumentais – tipicamente, os sujeitos de predicados que denotam fenómenos naturais (como em (3a) e (4a), acima) – correspondem a sujeitos que, apesar de serem não-referenciais⁴, manifestam ainda assim propriedades de argumento⁵. Por sua vez, os não-argumentos (como os sujeitos de (3b) e (4b), acima) não têm este tipo de propriedades⁶ e estão sintacticamente associados a um argumento, normalmente em posição pós-verbal⁷.

Em Chomsky 1995, a distinção faz-se entre «expletivos com Caso e traços- ϕ » (como *it* [e *il*]) e «expletivos puros» (como *there* [e *ce*]), e é formulada nos seguintes termos:

Os primeiros [*expletivos com Caso e traços- ϕ*] satisfazem todas as propriedades do núcleo I-V verificado por eles, rasurando os traços relevantes, e proibindo deste modo a elevação do associado. Os segundos [*«expletivos puros»*] não rasuram os traços -Interpretáveis do núcleo I-V. Logo, a elevação do associado é não só permitida, tomando o elemento I-V como alvo, mas também necessária, para obter convergência. (Chomsky 1995, 1999: 393-4)

⁴ Cfr. a agramaticalidade de (i):

(i) *Que chove?

⁵ Como a possibilidade de entrarem em estruturas de controlo:

(i) *it* sometimes rains after [- snowing].

⁶ Cfr. a agramaticalidade de (i):

(i) *there are many students without [- being].

⁷ As análises que dispensam a distinção entre estes dois tipos de expletivos (cfr. Hoekstra 1983, Bennis 1986, Vikner 1995) realçam ainda mais a diferença entre estes tipos de sujeito: numa dicotomia de sujeitos argumentais vs. sujeitos expletivos, os sujeitos que seriam de tipo quase-argumental são considerados argumentais, com um papel temático atribuído, como verdadeiros argumentos. A tipologia de sujeitos nulos nas línguas naturais parece favorecer também a distinção entre três categorias de sujeitos (cfr., por exemplo, Rizzi 1986, Platzack 1996). Além das línguas de sujeito nulo, que permitem sujeitos nulos argumentais, quase-argumentais e não-argumentais, as línguas de sujeito referencial não-nulo exibem diferentes padrões quanto aos sujeitos expletivos: algumas (como o Inglês e o Francês) não permitem expletivos nulos, mas outras (como o Islandês e o Yiddish) podem ter sujeitos nulos quase-argumentais e não-argumentais, enquanto outras (como o Alemão e o Neerlandês) apenas permitem sujeitos nulos não-argumentais.

Tipicamente, numa língua de sujeito nulo, como o PE, *pro* não-referencial é ambíguo entre estes dois tipos de expletivo: em estruturas como (5), *pro* tem o comportamento de *it*, enquanto em estruturas como (6), que incluem um associado de natureza nominal (*dois cães e algumas cartas*), se comporta como *there*⁸.

- (5) a. *pro* Choveu toda a noite.
 b. *pro* Há tantos acidentes de viação!
 (6) a. *pro* Estão dois cães no jardim.
 b. *pro* Chegaram algumas cartas para ti.

Ele não-referencial também manifesta em PE ambiguidade entre estes dois tipos de expletivo, surgindo em construções do tipo de (5) e do tipo de (6).

2.1. *Ele* quase-argumental

Em construções impessoais, *ele* não-referencial manifesta por si só, sem um constituinte associado, propriedades canónicas de sujeito frásico: controla a flexão verbal (de 3ª pessoa singular) e verifica Caso nominativo (em construções que não incluem outro constituinte que possa verificar este Caso). Exibe, portanto, as propriedades de um sujeito quase-argumental, com Caso e traços- ϕ . Assim, nas variedades de PE observadas, um expletivo quase-argumental surge opcionalmente realizado de forma visível em diferentes tipos de contextos gramaticalmente impessoais:

i) frases com predicados que referem fenómenos naturais:

- (7) Ele estava a nevar, nevava muito, eles não puderam ir. (Perafita, CORDIAL PFT11)
 (8) a. Ele está calor. (Odeleite, in Segura da Cruz 1969: 152)
 b. Vou-me, que ele já é tarde. (Terceira, in Dias 1982: 329)
 c. ainda ele faz frio no mês de Abril! (Arronches, in Paulino 1959: 168)

ii) construções existenciais com *haver*:

- (9) a. Ele há espadilha no mar. (Vila Praia de Âncora, CORDIAL VPA53)
 b. É a estrela da manhã (...) e há a estrela... Bom, ele há várias estrelas, não é? (Nisa, CORDIAL AAL92)
 c. Ele há o sete-estrelas, há o cacheiro. (Nisa, CORDIAL AAL93)

⁸ Nas análises de Burzio 1986, Chomsky 1986, Raposo e Uriagereka 1990, a relação entre o expletivo e o associado é estabelecida em termos de uma CADEIA, sujeita às restrições de boa formação de qualquer cadeia. O expletivo seria, segundo estas análises um elemento com Caso – receberia Nominativo em [Spec, IP], transmitido ao associado pela formação da CADEIA. A questão do Caso dos expletivos puros, que tem sido bastante controversa (cfr. em especial, Lasnik 1992, 1995, Cardinaletti 1997, Groat 1999), não vai ser aqui desenvolvida. Assume-se, para os aspectos relevantes, que os expletivos puros não têm propriedades de verificação de Caso (Chomsky 1995).

iii) diferentes construções com *ser* impessoal (+ adjectivo ou advérbio):

- (10) a. Ele tem sido – da maneira que eu tenho conhecido isto – todos os anos pior, todos os anos pior. (Porches, CORDIAL PAL12)
 b. Mas, ora!, êle sempre foi assim toda a vida e nem por isso as igrejas fecharam nem deixou de haver gente cristã. (Ribeiro 1927: 224)

iv) construções com verbos que envolvem um Experienciador ou um Beneficiário casualmente marcados com Dativo:

- (11) a. – Que êle me conste, agora não há aí ninguém morto, mas não sei se amanhã se poderá dizer o mesmo. (*id.*: 239)
 b. Que êle também não se lhe daria apartar-se do mundo (*id.*: 92)
 c. – Ora, mas não é a mesma coisa, e quando êle assim me custa já tanto, não sei o que seria se abalasse... Nem eu sei o que faria! (*id.*: 162)

v) outras construções impessoais, como as expressões com *diz que*:

- (12) êle diz que chegara já o menino Joanito. [= diz-se que...] (*id.*: 171)

Em frases como (13) e (14), com um predicado de elevação ou com extraposição de um sujeito oracional (infinitivo, neste caso), *ele* pode também ter propriedades de quase-argumento, com Caso e traços- ϕ :

- (13) – Ele até parece que foi milagre, compadre! (*id.*: 329)
 (14) ... que êle é sempre bom contar com êles. (*id.*: 243)

Apesar de estes exemplos envolverem um argumento que pode ser analisado como o associado do expletivo (numa configuração que levaria a considerar *ele* como um expletivo puro – cfr. Chomsky 1981), não é consensual que as propriedades de Caso e de concordância com a flexão verbal possam ser verificadas por este argumento de natureza oracional⁹.

2.2. *Ele* expletivo puro

Nos dados considerados, *ele* expletivo surge também em contextos de inversão do sujeito do tipo de (6), os quais, segundo a análise clássica, envolvem um sujeito não-argumental ou expletivo puro não visível numa língua de sujeito nulo. Os exemplos encontrados envolvem verbos inacusativos ou orações pequenas de sujeito não elevado:

⁹ Esta questão mereceria um desenvolvimento que, por falta de espaço, aqui não pode ter. Para já, assumo que os argumentos de natureza oracional não têm Caso nem traços de concordância (cfr. Picallo 2000).

- (15) Não há quem semeie, não há quem vá fazer esse serviço, porque (...) ele está tudo muito caro e não há quem faça. (Porches, CORDIAL PAL11)
- (16) Ele há-de vir uma trovoadas, não demora nada (Colos, in Guerreiro 1968: 351)
- (17) É de forma que, depois, quando era para o ano (...) agora neste tempo, mais ou menos, Fevereiro, Março, é que ele ia outra máquina (Sapeira, CORDIAL AAL01)
- (18) (...) que eu estou com pressa. Que ele vem aí o meu filho e ele quer comer. (Perafita, CORDIAL PFT01)

Do mesmo tipo será também o expletivo que ocorre em construções pessoais com *ser* – uma expressão como (19a) exhibe de forma não ambígua a concordância plural com o “associado” pós-verbal do expletivo:

- (19) a. êle são boas quatro horas bem andadas de jornada. (Ribeiro 1927: 136)
 b. Uma parcela ou não sei (...) ou uma francela ou... ele era qualquer coisa assim. (Alpalhão, CORDIAL AAL85)
 c. ... que o que tem de ser tem muita força e êle não é o primeiro caso que se dá. (Ribeiro 1927: 240)

Se considerarmos este expletivo visível como um equivalente sintáctico estrito de *pro* expletivo, podemos admitir que o léxico de algumas variedades do PE inclui estes dois tipos de categoria – as expressões linguísticas variariam então em função do expletivo seleccionado numa dada numeração. *Ele* expletivo em [Spec, IP] estaria, portanto, bastante próximo dos expletivos de línguas como o Inglês ou o Francês. O padrão de ordem de palavras obtido nos exemplos (15) a (19), com o expletivo a anteceder o verbo, poderia então ser tomado como evidência para a ausência de subida do verbo acima de I em PE. Uma análise das construções com sujeito pós-verbal como a que é proposta em Martins 1994, que inclui *pro* expletivo em [Spec, AgrSP] (cfr. (20)), faria prever uma ordem de palavras que se revela impossível quando o expletivo é visível (cfr. (21)):

- (29) [_{SP} [_Σ [_Σ [_V Está_i] [_Σ]] [_{AgrSP} [_{pro}_j] [_{AgrS} [_{AgrS} t_i] [_{TP} [um gato] [_T [_T t_i] ... no jardim]]]]]]
- (21) *Veio ele uma trovoadas.

As construções expletivas do PE dialectal permitem, no entanto, questionar a equivalência estrita entre expletivo nulo e expletivo visível. A distribuição do expletivo visível favorece claramente uma análise que o relacione com uma posição periférica a IP, na linha de Uriagereka 1992, Martins 1993 e Raposo 1995 (e que é, portanto, compatível com a subida do verbo acima de I).

Consideremos, em primeiro lugar, as construções de sujeito indeterminado de

(22) e (23). *Ele* expletivo co-ocorre nestes exemplos semanticamente impessoais com *se* nominativo ou com um verbo na 3ª pessoa do plural.

- (22) a. Já está o céu nublado, são nuvens: {fp} “Hoje há nuvens, hoje está o céu nublado”. *Ele* aqui nem se diz nublado, eu cito-lhe até a palavra que aqui se emprega: “nuvrado”. (Porto de Espada, CORDIAL AAL69)
 b. (...) Agora a reforma da Casa do Povo também nunca pode ser muito grande porque *ele* não se desconta muito pouquinho dinheiro... (Sapeira, CORDIAL AAL)
- (23) a. O Santo mais festejado aqui? *Ele* agora já não festejam santos nenhuns, nem resguardam nada!... (Odeleite, in Segura da Cruz 1967: 152)
 b. INQ Mas é tudo a mesma coisa? INF Ah, [AB|consta, *ele* dizem] há quem diga [AB|que] que é diferente, uma coisa da outra. (Porto de Espada, CORDIAL AAL56)

A correspondência entre o expletivo visível e um expletivo nulo neste tipo de construção, admitida em Duarte e Matos 1984, revela aqui alguma fragilidade. O sujeito nulo das construções de sujeito indeterminado com o verbo na 3ª pessoa do plural apresenta propriedades de um *pro_{arb}* (Rizzi 1986)¹⁰. A presença de um expletivo visível em (23) implica necessariamente uma posição periférica a IP, já que [Spec, IP] é a posição de *pro_{arb}* (veja-se em especial o estatuto inequivocamente periférico de *ele* em (23a)).

De igual modo, se associarmos o clítico *se* nominativo a [Spec, IP] (cfr. Raposo e Uriagereka 1996), temos de remeter o expletivo visível em construções como as de (22) para uma posição periférica a IP (também evidente em (22a)).

Em síntese: apesar de *ele* não-referencial surgir em construções que normalmente envolvem um *pro* expletivo (seja quase-argumental como em (7)-(14), seja não-argumental como em (15)-(19)), o expletivo visível nem sempre pode ser analisado como uma alternativa a um expletivo foneticamente nulo (cfr. (22) e (23)). A admitir que os expletivos das línguas naturais têm como única função verificar o traço-EPP de I (Chomsky 1995), *pro* e *ele* expletivos deveriam apresentar um comportamento estritamente equivalente em relação à posição sintáctica que ocupam – o que colide com o estatuto periférico de *ele* expletivo em construções que envolvem outra categoria em [Spec, IP].

3. *Ele* expletivo periférico

O estatuto periférico do expletivo *ele* é evidenciado sobretudo em construções que envolvem outros elementos na periferia esquerda da frase.

¹⁰ Cfr. interpretação arbitrária, que envolve necessariamente o traço [+humano]:

(i) * *pro_{arb}* ladram / voam de noite.

Assim, em (24), um expletivo visível de natureza quase-argumental ocorre numa estrutura de recomplementação, como um constituinte tópico (cfr. (25)):

- (24) É boa, mas olhe que eu, eu tenho a impressão [AB| que] que ele que havia ainda lá disso.
- (25) a. E dizem que este olho que comunica com este lado (Porto Santo, CORDIAL PST09)
 b. [...] mas já avisa os compradores que este peixe que está estragado... (Vila Praia de Âncora, CORDIAL VPA23)
 c. * Disseram-me que ninguém que veio.

O expletivo *ele* surge também à esquerda de constituintes em posição periférica (como tópicos continuativos e/ou contrastivos e constituintes interrogativos):

- (26) a. INF Havia muita fome, naquele tempo. A fome, minha senhora... (...) Haver, ele a fome não havia. Havia muita comida com abundância, mas não se podia comer. (Vila Praia de Âncora, CORDIAL VPA06)
 (27) – charneças é como o outro que diz, que ê da charneca só há o chão! (Ribeiro 1927: 243)
 (28) a. Ele quem foi que pôs aqui o arroz?(Germil, in Peixoto 1968: 176)
 b. Ele que homem é este?(*ibid.*)

Uriagereka 1992 relaciona a existência de expletivos visíveis em línguas como o PE com a projecção de F, uma categoria funcional acima de I, com realização sintáctica e morfológica em variedades arcaizantes da Ibéria Ocidental (PE, Galego e variedades leonesas). O expletivo visível ocuparia, segundo este autor, a posição de [Spec, FP] nestas línguas (análise também adoptada em Martins 1993 e Raposo 1995). Ora, contrariamente às previsões de uma tal análise, *ele* expletivo pode co-ocorrer com outros elementos que tipicamente ocupam [Spec, FP]: constituintes-QU (cfr. (28)), focos contrastivos (Uriagereka 1992) (cfr. (29)), QPs ou outros operadores “afectivos” (Raposo 1995) (cfr. (30)).

- (29) Bem, ele frio não está.
 (30) Ele muita fome se passava naquele tempo!

Por outro lado, o comportamento exibido pelos clíticos em construções de expletivo visível também não sustenta a hipótese de [Spec, FP] ser a posição do expletivo. Contrariamente às construções que envolvem esta posição (cfr. (31)), as construções expletivas apresentam normalmente ênclise (cfr. (32)-(34)):

- (31) a. Que livros (lhes) deste(*-lhes)?
 b. Muita prenda tu (lhe) deste(*-lhe)!

- (32) O tempo das quadrilhas já lá ia. Que êle houvera-as (Ribeiro 1927: 136)
 (33) Ele vê-se tanta gente (Terceira, in Maia: 61)
 (34) e mais êle então colhia-se pouco. (Ribeiro 1927: 50)

A par da natureza periférica do expletivo visível em PE, a evidência de ênclise em construções expletivas revela-se então compatível com a hipótese de *ele* não-referencial ocupar a posição dos sujeitos pré-verbais em contextos enclíticos – uma posição de [Spec, Σ P] periférica a IP (Martins 1994). No entanto, assumindo que F é um valor marcado de Σ (Martins 1994), esta hipótese não é adequada aos dados que evidenciam a co-ocorrência do expletivo visível com constituintes que ocupam [Spec, FP].

Existe ainda um outro tipo de construção expletiva no PE dialectal que não é directamente acomodável a esta hipótese. Trata-se de dados como os de (35)-(40), nos quais o expletivo visível ocorre à esquerda de um sujeito pré-verbal.

- (35) Ele a gente sempre faz cada asneira! (Ervedosa do Douro, in Azevedo 1928-29: 160)
 (36) [a propósito de um roubo] Parece impossível [AB] mas com-] mas ele aquilo lá foi feito e /até/ /então/ ninguém deu por isso. (Castelo de Vide, CORDIAL AAL34)
 (37) Se ele isso é assim... (Quadrazais, in Braga 1971: 171)
 (38) Ele a brincadeira está torta. (Colos, in Guerreiro 1968: 351)
 (39) Ele uma [pulga] fugiu lá para o cerro. (*ibid.*)
 (40) Que ele a gente vê caras, não vê corações! (Ribeiro 1927: 213)
 (41) Ele a Teresa desmaia muito facilmente.
 (42) Ele a Teresa também chorou.

Nestes exemplos, o expletivo co-ocorre com um sujeito argumental, evocando as Construções de Sujeito Múltiplo (CSMs) conhecidas em línguas germânicas como o Islandês (Jonas e Bobaljik 1993, Jonas 1996), o Neerlandês (Zwart 1992) ou o Alemão (Dikken 1996) – cfr. (43) e (44).

- (43) Það borðuð margir kettir allar mýsnar stundum (Jonas 1996: 172)
 expl. comeram muitos gatos todos os ratos às vezes
 (44) dan der vee studenten dienen boek kuopen (Flamengo Ocíd.)
 que expl. muitos estudantes esse livro compram (Dikken 1996: 86)

As CSMs do PE distinguem-se, no entanto, pela diversidade de tipos de verbos que envolvem (transitivos e inacusativos, como nas línguas germânicas, mas também predicativos e intransitivos) e pela interpretação específica do sujeito argumental, a qual contrasta nitidamente com a natureza não específica que caracteriza os sujeitos argumentais das CSMs nas línguas germânicas. São assim motivadas

algumas diferenças estruturais: em (43) o sujeito *margir kettir* ocupa a posição de [Spec, TP] (Jonas e Bobaljik 1993), reservada aos sujeitos não específicos (cfr. exemplos (45) de Bobaljik e Jonas 1996: 196).

- (45) a. Í gær kláruðu (*þessar mýs*) sennilega (**þessar mýs*) ostinn.
 ontem acabaram estes ratos provavelmente o queijo
 b. Í gær kláruðu (*?margar mýs*) sennilega (*margar mýs*) ostinn.
 ontem acabaram muitos ratos provavelmente o queijo

Em CSMs como (43), a posição mais alta de [Spec, AgrSP] pode então albergar o expletivo, assim estritamente relacionado com a verificação do traço-EPP.

A natureza deste traço (ou do próprio EPP de Chomsky 1981) está, no entanto, longe de ser claramente compreendida. Classicamente concebido como um requisito gramatical que exige que cada frase tenha um sujeito, o EPP tem como efeito a estipulação de que a posição de [Spec, IP] (ou [Spec, AgrSP] na análise de (43)) tem de estar ocupada. Para as línguas escandinavas, tem sido defendida uma versão “fonológica” (mas com visibilidade na sintaxe) do traço-EPP (Holmberg 2000a e 2000b), concebido como um “traço-P” sem efeito semântico, que pode ser satisfeito pela inserção do expletivo ou por movimento de “Stylistic Fronting” de qualquer constituinte.

Ainda que o EPP possa ser compreendido como um requisito formal de preenchimento de uma posição de Spec de uma qualquer categoria funcional (Chomsky 1995, Raposo 1997), a natureza do expletivo nas construções que envolvem um constituinte em posição de [Spec, FP] continua por esclarecer (e também em casos como os de (35)-(42), assumindo que o sujeito argumental ocupa [Spec, ΣP]).

4. *Ele* expletivo e a codificação de propriedades discursivas

O expletivo visível não é em PE um elemento totalmente desprovido de significado. Apesar de não ser propriamente referencial nem receber uma interpretação semântica, a sua presença num enunciado tem efeitos a nível discursivo¹¹ – recordemos o carácter enfático associado ao expletivo em (1) e (2).

Os efeitos discursivos do expletivo visível são especialmente visíveis em frases como (35)-(42), nas quais *ele* ocorre imediatamente à esquerda de um sujeito argumental em posição pré-verbal. Sem o expletivo, estas frases poderiam ser interpretadas como a expressão de juízos categóricos (Kuroda 1972) – o sujeito pré-verbal ocupa uma posição que permite normalmente a interpretação de tópico (não-marcado) de uma predicação (cfr. Duarte 1987, 1997, Martins 1994). Ora, a presença do expletivo visível parece implicar a “destopicalização” de um sujeito

¹¹ Esta relação dos expletivos com efeitos discursivos retoma, em certa medida, a relação entre traço-EPP e a codificação de propriedades discursivas de Duarte 1997 e a própria concepção do EPP de Raposo 1997.

pré-verbal, tornando impossível a interpretação de juízo categórico – este tipo de construção aproxima-se então da expressão de um juízo tético (normalmente codificado por uma frase de tipo apresentativo, sem tópico, implicando uma posição pós-verbal para o sujeito).

Assim, em (46a) o sujeito *as crianças* não pode ser interpretado como um tópico, sujeito de uma predicação (interpretação possível em (46b)):

- (46) a. Ele as crianças estão a brincar lá fora.
b. As crianças estão a brincar lá fora.

Com efeito, (46a), ao contrário de (46b), não pode continuar adequadamente uma expressão como (47), que introduz *as crianças* no universo do discurso:

(47) – Que é feito das crianças?

(46a) pode, no entanto, funcionar como apresentação de uma situação (envolvendo um juízo tético), por exemplo, como continuação de (48):

(48) – Que gritaria! Sabes donde vem?

Convém lembrar que a presença do expletivo visível é especialmente frequente em construções impessoais (cfr. secção 2.1) que tipicamente expressam juízos téticos.

A admitir a hipótese de que os juízos téticos envolvem um tipo particular de predicação (Kiss 1997), acerca de um “argumento evento” ou de localização espaciotemporal do “aqui e agora” ou de um “lá e então” (Holmberg 2000a: 480), o expletivo visível em juízos téticos pode ser a expressão lexical desse argumento, acabando por ter uma função de “tópico”.

Assim, em construções que têm disponível a posição de [Spec, Σ P], o expletivo, que pode ocupar esta posição, aproxima-se de um sujeito argumental, uma vez que é interpretado como o sujeito de uma predicação numa posição de especificador. A distinção entre juízos téticos e juízos categóricos (que envolveria assim a mesma configuração) resultaria então das diferentes propriedades referenciais do elemento em [Spec, Σ P]. O sujeito de um juízo categórico teria de ser referencial, ao passo que o sujeito de um juízo tético seria uma categoria com traços referenciais intrinsecamente defectivos, mas possivelmente defectivos¹², capaz, portanto, de lexicalizar um argumento evento de ancoragem espaciotemporal.

¹² Cfr. Fernandez Soriano 1999: 1246, sobre a perda de traços deícticos do pronome neutro *ello*, que hoje se conserva em castelhano padrão em expressões como (i) apenas como anafórico:

(i) La situación económica ha mejorado, y #(ello) trae consigo um mayor poder adquisitivo

Este pronome surge ainda, sobretudo em dialectos da América do Sul, em construções do tipo das que tratámos em 2. (Ureña 1939):

(ii) Ello hay dulce de ajonjolí

(iii) Ello dicen que no es muy buena.

Em construções que envolvem uma posição preenchida de [Spec, Σ P], como as de (35)-(42), ou em casos de [Spec, FP] preenchido, *ele* expletivo pode ainda ser o sujeito nocional de um juízo tético, se se encontrar numa configuração de tópico. Ocupará, portanto, a posição dos tópicos marcados, numa configuração de adjunção (Duarte 1987, 1996 e Martins 1994), daí resultando o estatuto periférico do expletivo em relação a [Spec, FP] e a [Spec, Σ P].

Esta análise prediz adequadamente que as CSMs do PE partilhem das propriedades das construções de tópico marcado: ambas manifestam o mesmo comportamento em relação à colocação dos clíticos (num padrão enclítico) e apresentam as mesmas restrições de ordem de palavras. Com efeito, nem o expletivo nem um tópico podem ocorrer imediatamente à direita de [Spec, FP]:

- (49) a. Esse livro, a quem (o) deste tu?
 b. *A quem, esse livro, (o) deste tu?
 (50) a. Ele a quem deste tu o livro?
 b. *A quem ele deste tu o livro?

Os efeitos discursivos envolvidos nas construções de expletivo visível aqui revistas são também naturalmente derivados pela análise aqui esboçada, a desenvolver em trabalho em curso (Carrilho (em preparação))¹³.

Referências:

- Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG), Grupo de Estudos de Dialectologia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Atlas Linguístico do Litoral Português* (ALLP), Gabriela Vitorino, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Azevedo, C. 1928-29. Linguagem popular de Ervedosa do Douro. *Revista Lusitana* XXVII.
- Baptista, António Alçada. 1994. *O Riso de Deus*. Lisboa: Presença.
- Baptista, C. 1967. *O Falar da Escusa*. Diss. de Licenciatura. Fac. Letras Univ. Lisboa.
- Bennis, Hans. 1986. *Gaps and Dummies*. Dordrecht: Foris.
- Bobaljik, Jonathan e Dianne Jonas. 1996. Subject Positions and the Roles of TP. *Linguistic Inquiry* 27: 195-236.
- Braga, F. 1971. *Quadrazais. Etnografia e Linguagem*. Diss. de Licenciatura. Fac. Letras Univ. Lisboa.
- Burzio, Luigi. 1986. *Italian Syntax*. Dordrecht: Reidel.
- Cardinaletti, Anna 1990. *Pronomi Nulli e Pleonastici nelle Lingue Germaniche e Romanze*. Tese de Doutoramento. Univ. Pádua.
- Cardinaletti, Anna. 1997. Agreement and Control in Expletive Constructions. *Linguistic Inquiry*. 28: 3. 521-533.

¹³ Por restrições de espaço, deixo para outro lugar a discussão de outros efeitos discursivos relacionados com a presença do expletivo visível, associado também à marcação de um Foco não-exaustivo.

- Carrilho, Ernestina (em preparação) Dissertação de Doutoramento a apresentar à Faculdade de Letras de Lisboa.
- Cesariny, Mário. 1945-6. *Nobilíssima Visão*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1991.
- Chomsky, Noam. 1981. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- Chomsky, Noam. 1986. *Knowledge of language: Its Nature, Origin, and Use*. New York: Prager.
- Chomsky, Noam. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass: MIT Press. Trad. port. E. P. Raposo. *O Programa Minimalista*. Lisboa: Caminho. 1999.
- Cunha, Celso e L. F. Lindley Cintra. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa.
- Dias, A. Epifânio da S. 1918. *Syntaxe Histórica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Dias, M. A. 1982. *Ilha Terceira. Estudo de Linguagem e Etnografia*. Secretaria Regional de Educação e Cultura / Direcção Regional dos Assuntos Culturais.
- Dikken, Marcel den. 1995. Binding, Expletives, and Levels. *Linguistic Inquiry* 26: 347-354.
- Dikken, Marcel den. 1996. The Minimal Links of Verb (Projection) Raising. In Abraham, W., S. D. Epstein, H. Thráinsson & C. Jan-Wouter Zwart (eds.) *Minimal Ideas*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. 67-96.
- Duarte, Inês. 1987. *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento*. Dissertação de Doutoramento. Fac. Letras Lisboa.
- Duarte, Inês. 1996. A Topicalização em Português Europeu: Uma Análise Comparativa. In Duarte, I. e I. Leiria (orgs.) *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Vol. 1. Lisboa: Colibri/APL.
- Duarte, Inês. 1997. Ordem de Palavras: Sintaxe e Estrutura Discursiva. In Brito, Ana M., F. Oliveira, F. Lima e R. Martelo (orgs.). *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras.
- Duarte, Inês e Gabriela Matos. 1984. Clíticos e Sujeito Nulo no Português: Contribuições para uma teoria de pro. *Boletim de Filologia* 29: 479-538.
- Fernández Soriano, O. 1999. El Pronombre Personal. Formas y distribuciones. Pronombres Átonos y Tónicos. In Bosque, Ignacio e Violeta Demonte (orgs.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, vol. 1 *Sintaxis básica de las clases de palabras*. Madrid: Espasa Calpe. Cap. 19.
- Groat, Erich. 1999. Raising the Case of Expletives. In Epstein, Samuel D. e Norbert Hornstein (eds.). *Working Minimalism*. Cambridge, Mass.: MIT.
- Guerreiro, A. M. 1968. *Colos (Alentejo). Elementos monográficos*. Diss. de Licenciatura. Fac. Letras da Univ. Lisboa.
- Hoekstra, Teun. 1983. The Distribution of Sentential Complements. In Hans Bennis e ven Lessen Kloëke (eds.) *Linguistics in the Netherlands 1983*. Dordrecht: Foris. 93-103.
- Holmberg, Anders. 2000a. Scandinavian Stylistic Fronting: How Any Category Can Become an Expletive. *Linguistic Inquiry*. 31: 3. 445-483.
- Holmberg, Anders. 2000b. V2 languages. Comunicação apresentada no Congresso "Peripheral Positions", York, Setembro 2000.
- Jonas, Dianne. 1996. Clause Structure, Expletives and Verb Movement. In Abraham, W., S. D. Epstein, H. Thráinsson e C. Jan-Wouter Zwart (eds.) *Minimal Ideas*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. 167-188.

- Jonas, Dianne e Jonathan D. Bobaljik. 1993. Specs for Subjects: The Role of TP in Icelandic. In *Papers on Case and Agreement*. vol. 1. *MIT Working Papers in Linguistics*. 19, ed. J. Bobaljik e C. Phillips. 131-173. Cambridge: MIT.
- Kiss, Katalin. 1997. Discourse-configurationality in the languages of Europe. in A. Siewierska (ed.) 1997. *Constituent order in the languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Kuroda, S-Yuki. 1972. The Categorical and the Thetic Judgement. *Foundations of Language*. 9: 153-85.
- Lasnik, Howard. 1992. Case and expletives: Notes toward a parametric account. *Linguistic Inquiry* 23: 381-405.
- Lasnik, Howard. 1995. Case and Expletives revisited: On Greed and Other Human Failings. *Linguistic Inquiry*. 26: 615-634.
- Maia, M. L. 1965. *O Falar da Ilha Terceira*. Diss. de Licenciatura. Fac. Letras da Univ. Lisboa.
- Martins, Ana M.. 1993. Focus and Clitics in European Portuguese. *Working Papers in Linguistics*. Univ. of Maryland.
- Martins, Ana M. 1994. *Clíticos na História do Português*. Diss. de Doutoramento. Fac. Letras de Lisboa.
- Moreira, Júlio. 1913. *Estudos da língua Portuguesa. Subsídios para a Syntaxe Historica e Popular*. Lisboa: Clássica Editora. 2ª ed., 1922.
- Paulino, M. de L. 1959. *Arronches. Estudo de linguagem e etnografia*. Diss. de Licenciatura. Fac. Letras da Univ. Lisboa.
- Peixoto, M. E. 1968. *Germil. Notas Etnográficas e Linguagem*. Diss. de Licenciatura. Fac. Letras da Univ. Lisboa
- Pereira, M. F. 1970. *O Falar de Soajo*. Diss. de Licenciatura. Fac. de Letras da Univ. Lisboa.
- Peres, João e Telmo Mória. 1995. *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Picallo, Carme. 2000. On sentential anaphora. *3rd Workshop of the Basque Center for Language Research*. Vitoria, Julho 2000.
- Platzak, Christer. 1996. Null subjects, Weak AGR and Syntactic Differences in Scandinavian. In H. Thráinsson, S. Epstein e S. Peter (eds.), 1996. *Studies in Comparative Germanic Syntax*. Dordrecht: Kluwer. 180-196.
- Postal, Paul e G. Pullum. 1988. Expletive Noun Phrases in subcategorized Positions. *Linguistic Inquiry*. 19: 635-670.
- Raposo, Eduardo Paiva. 1992. *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho.
- Raposo, Eduardo Paiva. 1995. Próclise, Ênclise e a Posição do Verbo em Português Europeu. in João Camilo dos Santos e Frederick G. Williams (eds.) *O Amor das Letras e das Gentes. In honor of Maria de Lourdes Belchior Pontes*. Santa Barbara: Center for Portuguese Studies. University of California at Santa Barbara. 455-481.
- Raposo, Eduardo Paiva. 1997. Deslocamento e Mover α : uma solução para o problema EPP. In Brito, Ana M., F. Oliveira, F. Lima e R. Martelo (orgs.). *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras.
- Raposo, Eduardo Paiva e Juan Uriagereka. 1990. Long-Distance Case assignment. *Linguistic Inquiry*. 21: 505-537.
- Raposo, Eduardo Paiva e Juan Uriagereka. 1996. Indefinite *se*. *Natural Language and Linguistic Theory*. 14: 749-810.

- Ribeiro, Manuel. 1927. *A Planície Heróica*. Lisboa: Guimarães.
- Rizzi, Luigi. 1986. Null Objects and the Theory of pro" *Linguistic Inquiry*. 17: 501-557.
- Segura da Cruz, Luisa. 1969. *O Falar de Odeleite*. Diss. de Licenciatura. Fac. Letras da Univ. Lisboa.
- Segura da Cruz, Luisa. 1987. *A Fronteira Dialectal do Barlavento do Algarve*. Dissertação para acesso à categoria de Investigador Auxiliar, CLUL/INIC.
- Svenonius, P. (ed.). a publicar. *Subjects, Expletives, and the EPP*. Oxford: Oxford University Press.
- Ureña, P. H. 1939. Ello. *Revista de Filología Hispánica*. I.
- Uriagereka, J. 1992. A Focus Position in Western Romance. Comunicação apresentada no GLOW 15, Lisboa; publ. in K. Kiss (ed.) *Discourse Configurational Languages*. 153-175. New York: Oxford University Press.
- Vasconcellos, José Leite de. 1901. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Lisboa: CLUL/INIC, 3ª edição, 1987.
- Verdelho, Evelina. 1982. Linguagem regional e linguagem popular no romance regionalista português. *Boletim de Filologia*, 27: 39-154.
- Vikner, Sten. 1995. *Verb Movement and Expletive Subjects in the Germanic Languages*. Oxford: Oxford University Press.
- Zwart, C. Jan-Wouter. 1992. Dutch Expletives and Small Clause Predicate Raising. *NELS* 22. 477-491.